

BERGMANN, Sigurd; CLINGERMAN, Forrest (eds.). **Arts, Religion, and the Environment: Exploring Nature's Texture**. Leiden: Koninklijke Brill, 2018. 220p. (Studies in Environmental Humanities Volume 6). ISBN 978-90-04-35898-0.

Matheus Landau de Carvalho*

O livro *Arts, Religion, and the Environment: Exploring Nature's Texture*, editado pelo teólogo teuto-sueco Sigurd Bergmann e pelo professor estadunidense Forrest Clingerman, é o resultado de um evento acadêmico na ilha de Hiddensee, na parte alemã no sudeste do mar Báltico, em maio de 2010, e de um seminário no Ernst Haeckel Haus, em Jena, Alemanha, na primavera de 2014.

A obra é estruturada em nove capítulos distribuídos em três partes, englobando um total de dez autores que se debruçam sobre fontes filosóficas, poéticas, antropológicas, iconográficas, teológicas, biológicas e historiográficas. A partir da constatação de que o ser humano é um animal criador de significado, com um horizonte aberto para explorar conexões entre arte, natureza e espiritualidade, os editores do livro enfatizam, na Introdução, *Exploring Nature's Texture*, as possibilidades de abordar a ruptura na relação humana com o meio ambiente por meio das artes visuais presentes ao longo de todo o livro.

Ao reunir contribuições de artistas, filósofos, teólogos e antropólogos, a obra busca investigar as artes como uma importante ponte contemporânea entre a cultura e a natureza, bem como entre o mundo humano e o supra-humano, principalmente naquilo que se entende, na teoria e na prática, como est/ética (*aesth/ethics*) da natureza e da cultura enquanto “união de reflexão e ação no

Resenha recebida em 26 de março de 2021 e aprovada em 19 de julho de 2021.

* Bacharel e Licenciado em História com Habilitação em Patrimônio Histórico pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2009. Especialista (2010) e Mestre (2013) pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. País de origem: Brasil. E-mail: matheuslandau@gmail.com.

espaço do ser” (BERGMANN; CLINGERMAN, 2018, p. 2). Outro horizonte para o qual o livro aponta é a necessidade de se pensar as “humanidades ambientais” (*environmental humanities*) como uma área acadêmica interdisciplinar, na qual a(s) religião(ões) desempenharia(m) um papel singular.

A partir de um jogo preposicional, Sigurd Bergmann, no capítulo 2, *Within: Towards an Aesth/Ethics of Prepositions* – o primeiro da primeira parte (*Seeing*) –, tenta delinear de que maneira a percepção/o conhecimento de si mesmo no meio ambiente, e o meio ambiente em si, tomam consciência de si mesmos dentro do ser humano. Dialogando com J. W. Goethe, I. Kant, H. Marcuse, Platão, K. Marx, Heinz Ohff, Aristóteles, W. Kandinsky e alguns nomes da Patrística, o autor se pergunta, paralelamente à análise de algumas pinturas, se a arte pode ajudar a colocar algum artefato nonexo entre a reprodução material de (i) nossa vida diária, (ii) nosso relacionamento com a natureza, (iii) nossas relações sociais e (iv) nossa visão de mundo e crença, de diferentes modos de espiritualidade, e também servir como um mediador crítico e construtivo; e se, além disso, a beleza erótica e a capacidade de neoanimação da arte podem produzir um poder compensatório que resista e supere a mercantilização e a alienação.

Ao lançar mão de exemplos de seu trabalho artístico, alguns dos quais com a proposta de usar nuvens atmosféricas e microrganismos nelas presentes como substrato material para transferência e armazenamento de dados, além de uma série de *workshops* com geoengenheiros sobre nossa relação com a atmosfera, a artista e *designer* Karolina Sobecka tenta, no capítulo 3, intitulado *The Atmospheric Turn*, chamar a atenção para o ar e sua curiosa não-visualidade ao sugerir a necessidade de uma *virada atmosférica* segundo a qual nós deveríamos pensar *com* o ar, e não somente *sobre* ele. Através de diálogos com Gernot Böhme, G. W. F. Hegel, Slavoj Žižek, Hans-Jorg Rheinberger, Orit Halpern, entre outros, a autora recorrentemente ressalta, na esteira desta *virada atmosférica*, a importância da revisão de paradigmas epistemológicos e teóricos na maneira pela qual pensamos e percebemos a natureza, principalmente a partir do dualismo determinista sujeito-objeto.

O norte-americano Whitney Bauman, no quarto capítulo do livro – e primeiro da segunda parte (*Wondering*) –, intitulado *Wonder and Ernst Haeckel's Aesthetics of Nature*, analisa alguns dos esboços/pinturas de Ernst Haeckel acerca das semelhanças nas formas em muitas espécies de seres vivos bem diferentes e diversas entre si, desafiando a estética teológica dominante do Ocidente cristão em sua época através de três principais categorias estéticas, i.e. (i) entre as coisas bióticas e abióticas no mundo, (ii) entre a vida vegetal e a vida animal, e (iii) entre os seres humanos e o resto do mundo animal. Ao dialogar com Aristóteles, C. Darwin, Catherine Keller, Lorraine Daston, Katharine Park, Mary Evelyn Tucker, entre outros, o autor aborda de que modo Haeckel se posiciona entre o monismo e o dualismo teológico, navegando por uma terceira via entre o materialismo marxiano e o idealismo hegeliano sem se restringir a um mero dualismo. Bauman destaca como a *poiesis* influencia a arte e a estética que determinam a maneira como Haeckel aborda o mundo natural, como sua “arte de desconhecer” se contrapõe às maneiras até então ortodoxas de resposta a enigmas da vida, e o que Haeckel entende por “ecologia”, bem como as limitações que lhe foram apontadas por críticos ao longo do tempo.

Através da combinação de elementos comunicativos, científicos naturais, estéticos e sócio-políticos, o artista suíço George Steinmann discorre, no quinto capítulo, intitulado *Art without an Object but with Impact*, sobre as duas intervenções do processo transdisciplinar para a nova sede da principal instalação de tratamento de águas residuais da Suíça, em Berna, entre 2008 e 2011. Dialogando com pensadores como o cineasta russo Andrej Tarkovsky e o papa João Paulo II, o autor explica como discerne conhecimento (*knowledge*) de sabedoria (*wisdom*) em sua acepção de transdisciplinaridade, de que maneira conjugou os benefícios naturais do local com o projeto, como sua “intervenção invisível” (*nonvisible intervention*) foi encarada também como um gesto espiritual, além do modo pelo qual o diálogo com os trabalhadores criou um ambiente não de conceito intelectual, mas de um encontro empático. Steinmann também discute quais mudanças a arte e a cultura podem atingir a partir dos princípios de cooperação e integração dos saberes humanos, assim como a maneira pela qual ele vê o papel da arte nos tempos de hoje.

No capítulo 6, *Between Science and Art: An Anthropological Odyssey*, o antropólogo britânico Tim Ingold traça, no estilo de um memorial, a jornada de seu próprio ensino e pesquisa de antropologia por quarenta anos, mostrando como os referenciais literários mudaram – a partir de textos fundacionais na ecologia humana e animal por meio de tentativas de casar o social com o ecológico, inspirado no *revival* marxista –, para a escrita contemporânea sobre o pós-humanismo e as condições do Antropoceno. Ingold explica de que modo entende a “arte da investigação” como uma *ciência mole* (*squishy science*) contraposta às *ciências duras* (*hard science*), assim como o conceito de *undercommoning*, e por quê compreende a antropologia essencialmente como uma relação de correspondência.

O sétimo capítulo, *The Black Wood: Relations, Empathy and a Feeling of Oneness in Caledonian Pine Forests* – o primeiro da terceira parte (*Connecting*) –, se debruça sobre uma pesquisa de dois anos e uma exposição de arte sobre a Floresta Negra de Rannoch, um antigo bosque de pinheiros na Caledônia, no sul das terras altas (*highlands*), na Escócia. Em diálogos com as ideias de “relações”, “impressão” e “entendimento” de David Hume, e a “teoria de empatia” de Edith Stein – sem deixar de recorrer à história do local em questão desde o século XV E.C. –, os autores Reiko Goto e Tim Collins se interessam pela relação entre valor cultural e biodiversidade, e como os mesmos podem contribuir para o bem-estar da floresta e promover uma gama de significados entre suas comunidades de interesse.

No oitavo capítulo, *Cultivated and Governed or Free and Wild? On Assessing Gardens and Parks Aesthetically*, o filósofo finlandês Arto Haapala aborda os problemas estéticos da natureza domesticada a partir das duas áreas da estética ambiental, i.e. ambiente natural e ambiente construído, contrapondo-se ao conceito uniforme de estética, com foco em quatro aspectos de uma “estética funcional” na avaliação de parques e jardins. Ao dialogar com Lars-Olof Åhlberg, Francis Sparshott, Scruton, L. Wittgenstein, I. Kant, Edward S. Casey, Kendall Walton, Maunu Häyrynen e Stephanie Ross, o autor discute, entre outros aspectos, o que ele entende como “beleza funcional” (*functional beauty*) e “beleza difícil” (“*difficult beauty*”).

Em seu capítulo intitulado *Where Embodiment Meets Environment: A Meditation on the Work of Hans Breder and Ana Mendieta with an Accompanying Interview with Hans Breder*, o norte-americano J. Sage Elwell se debruça sobre arte, corpo e natureza nos trabalhos artísticos da série *Siluetas*, de Ana Mendieta, e da série corpo-espelho (*mirror-body series*), de Hans Breder. Dialogando com Susan Best, Mircea Eliade e Jane Blocker, Elwell discute de que maneira estes trabalhos revelam uma est/ética complementar na direção de uma visão do espaço onde corpo e natureza se encontram como uma dialética liminar entre os espaços profano e sagrado segundo M. Eliade.

Na conclusão, *The Aesthetic Roots of Environmental Amnesia - The Work of Art and the Imagination of Place*, Forrest Clingerman elabora quatro argumentos a partir da aceção de que a crise de significado advinda de uma hipermodernidade – um mundo situado entre as esferas secular, sagrada, global, local, econômica, científica e tecnológica da existência humana – possui raízes estéticas, e aponta para a importância dos artistas como crítica e antídoto destas realidades. Ao dialogar com S. Bergmann, Tim Collins, Reiko Goto, Gregory Euclide, H. Gadamer, Agostinho de Hipona, entre outros, Clingerman relaciona o que define como amnésia ambiental (*environmental amnesia*) (i) com as dimensões espacial e temporal de experiência, (ii) com suas raízes est/éticas, (iii) com o exercício de prática imaginativa, e (iv) com as obras de arte enquanto seu antídoto. O autor também discute as maneiras pelas quais a convergência entre teologia e arte podem combater esta mesma amnésia ambiental.

Malgrado a percepção das potencialidades das obras de arte na dinâmica entre a necessidade humana de criação de sentido e o mundo natural que o rodeia constituir-se num dos fios condutores do livro, a obra *Arts, Religion, and the Environment* apresenta-se muito mais como uma compilação relativamente aleatória do que um arranjo intrinsecamente orgânico dos temas enunciados em seu título.

Apesar dos conceitos, ideias e *insights* interessantes para a reflexão sobre as aproximações entre espiritualidade(s), de um lado, e natureza e epistemologia, de outro – tais como *est/ética de preposições*, *arte de desconhecer*, *intervenção invisível*, *amnésia ambiental* e dialética liminar entre o profano e o sagrado –, a

obra foge recorrentemente da temática de espiritualidade e religião em alguns de seus capítulos (2, 3, 6, 7, 8), muito mais circunscritos a breves relatórios de pesquisas não tão próximas assim de teologia ou ciência(s) da(s) religião(ões), o que pode confundir, à primeira vista, o leitor que deduza de seu título uma preocupação constante, ao longo de todos os seus capítulos, com a temática da religião e/ou espiritualidade.

Contudo, o livro constitui-se em importante contribuição para as áreas de pesquisa que relacionem espiritualidades e natureza, ainda incipientes em termos de núcleos e grupos de pesquisa no meio universitário brasileiro, mas que já vislumbram um certo horizonte não apenas em temas de eventos acadêmicos, mas também na produção de suas pesquisas na academia brasileira.